

■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ O ensino de música na Educação de Jovens e Adultos: Lidando com as diferenças de faixa etária em sala de aula

 Ibsen Perucci Sena*

Resumo: O presente trabalho visa compartilhar estratégias docentes desenvolvidas no componente curricular Artes, por meio das aulas de música, em uma escola pública da rede pública do Distrito Federal (DF) que oferta o Primeiro e Segundo Segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Assim, inicialmente são apresentadas algumas reflexões sobre o perfil dos estudantes da EJA e, em seguida, uma reflexão sobre como esses perfis influenciaram o trabalho pedagógico no Centro de Ensino Fundamental analisado, principalmente em relação ao planejamento de ensino, metodologia e avaliação de aprendizagem. Todo o relato é feito com base em experiências empíricas, fruto de vivências que ocorreram nos diferentes espaços da escola.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Artes. Música.

* Ibsen Perucci Sena é mestre em Música pela Universidade de Brasília – UnB (2016), licenciado em música pela UnB (2013). Professor na Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEEDF. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Educação Musical e Autobiografia - GEMAB. Contato: ibsenperucci@gmail.com.

Observamos nas diferentes etapas e modalidades da Educação Básica um volume expressivo de questões relativas ao papel das escolas quanto à formação integral dos estudantes e à qualidade do ensino. Nesse contexto, a discussão sobre o que é o sucesso e o fracasso escolar, bem como sobre os instrumentos que pretendem mensurar a qualidade da educação pública, têm sido objeto de estudo em diversas linhas de pesquisa na área de Educação e Ciências Sociais – entre elas, aquelas que investigam mais especificamente a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Por exemplo, é possível observar que, para analisar o fracasso escolar (delimitado aos índices de evasão, reprovação/repetência e abandono), tem-se buscado compreender, conjuntamente, o amplo espectro social, econômico e cultural que influencia direta ou indiretamente o perfil dos alunos atendidos pela escola (FURTADO, 2008).

Para a elaboração do presente relato de experiência, tomamos como referência uma pesquisa desenvolvida pela Faculdade de Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO)¹ realizada em parceria com o Ministério da Educação (MEC), em que os alunos entre 15 e 29 anos, homens e mulheres, foram encorajados a opinar sobre as razões que levam à reprovação escolar no âmbito da EJA. Os principais resultados observados nesse estudo foram: dificuldades com os conteúdos, necessidade de trabalhar, pouca assiduidade nas aulas, falta de interesse, não gostam da escola, gravidez, professores mal preparados, entre outros (BRASIL, 2015).

Em síntese, pesquisas dessa natureza contribuem significativamente para uma discussão que implica pensar como a EJA tem contemplado a juventude, bem como os fatores que levam a jovens e adultos a ingressar na modalidade. Nessa direção, ressaltamos, por exemplo, que é direito da juventude a participação social – evidentemente, embora existam diversas maneiras de ser jovem (culturalmente diversificadas), todos têm direito à participação social (CARRANO, 2007; CHARLOT, 2001; DURAND e SOUZA, 2002). Esse cenário instiga uma discussão mais ampla, qual seja: pensar as realidades que caracterizam a EJA, para além da concepção que abrange somente os estudantes que não tiveram acesso à educação na faixa etária apropriada ou que integram em grande parte a classe trabalhadora.

Assim, com o intuito de pensar a EJA também no âmbito da juventude, foi proposto neste relato² um recorte situacional, fruto de uma experiência empírica como docente do Componente Curricular Artes na Educação de Jovens e Adultos em uma escola da rede pública do DF.

No ano de 2014, a escola mencionada ofertou o Primeiro e Segundo Segmentos da EJA no período noturno, funcionando no regime semestral (em que os alunos avançam as etapas conforme o desempenho por semestre). Assim, atuaram no 1º segmento os professores pedagogos e no 2º segmento os professores dos componentes específicos. É central delimitar que, a depender da carga horária do componente curricular, são necessários dois ou mais professores para abranger todas as turmas de um determinado Segmento. No contexto do CEF 07, as duas aulas semanais do componente curricular Artes foram lecionadas por mim, em nove turmas do 2º segmento com aproximadamente 40 (quarenta) alunos por turma.

Como professor de Artes, atuei na escola do mês de fevereiro ao mês de outubro de 2014, no regime de contrato

temporário. É importante destacar que, embora o ensino de Artes seja composto por diferentes linguagens (Dança, Teatro, Artes Visuais e Música), neste relato optei por apresentar as estratégias que em grande parte foram utilizadas com vistas ao ensino de Música – observando, não obstante, o que foi mais significativo frente aos diferentes perfis de alunos da EJA.

Ao iniciar as aulas, pude observar que as turmas apresentavam bastante heterogeneidade no que se refere às características dos alunos: 1) um grande grupo de alunos com faixa etária acima dos 30 anos de idade (alguns entre 45 e 55 anos), composto por trabalhadores, donas de casa e autônomos, a maior parte dos quais eram assíduos e comprometidos com a escola; 2) outro grande grupo de alunos na faixa etária entre 17 e 19 anos, dentre os quais alguns trabalhavam e outros não, mas que, de maneira geral, não eram assíduos na escola e, quando presentes, demonstravam falta de motivação durante as aulas. Identifiquei que essas mesmas tendências podiam ser observadas em praticamente todas as turmas e que o trabalho de planejamento dos professores (que atuavam na escola antes da minha chegada) já estava, em grande medida, condicionado a lidar com um ambiente escolar marcado pelo contraste entre alunos mais velhos e mais novos.

Para exemplificar essa realidade, destaco um diálogo que ocorreu no momento em que propus trabalhar com a música nas aulas de Artes. Em uma turma de 7º Etapa do Segundo Segmento, após uma conversa inicial com os alunos, na qual me apresentei e sugeri que eles se apresentassem expondo as preferências musicais, perguntei: que tal começarmos pela música? O aluno Alcides se posicionou e então travamos o seguinte diálogo:

- Música tem muito professor, tem gente que chega aqui e fica só ouvindo música com o fone de ouvido, nem presta atenção na aula.

Observando a explanação deste estudante, resolvi fomentar a discussão e disse:

- É mesmo? E o que você acha disso? Apontando para o aluno que aparentava ser mais novo que logo respondeu:

- Esse senhor não gosta de RAP!

Depois disso, lá no fundo outro aluno gritou:

- E nem de Rock!

E então novamente o Alcides:

- Essa garotada, professor, reprova pela manhã, reprova pela tarde e vem parar aqui na escola pela noite, só para atrapalhar quem quer estudar! (Registros do Autor, 2014).

Por uma questão de ética o nome utilizado é fictício, mas a situação mencionada foi real e impactante o suficiente para não ser esquecida. Percebi que ali existia um conflito. Alguns alunos, talvez bloqueados pelo preconceito, apresentavam um julgamento acerca da realidade dos outros alunos da sala, sobretudo quanto aos que não se aproximavam das suas próprias realidades. Em outras palavras, a regra parecia ser essa: pequenos grupos que se relacionavam por faixa etária, afinidade, gostos e valores em comum. Na prática, os alunos mais velhos reclamavam que a escola devia atender aqueles que almejavam estudar e que boa parte dos alunos mais novos não o fazia; esses últimos, por sua vez, passavam a sensação de indiferença quanto à opinião dos mais velhos. Esse foi o paradigma com o

qual me deparei ao longo do primeiro semestre e que busquei estudar e compreender, lendo, compartilhando opiniões com outros professores e conversando a respeito do assunto com os próprios alunos.

Como estudar música nesse contexto marcado pelo contraste de gerações? Essa indagação foi a mola propulsora para meus planos de aula. O que aconteceu depois foi um completo laboratório não só para a elaboração dos planos de ensino, mas também no âmbito das práticas e metodologias. Por um lado, preparar atividades mais dinâmicas com instrumentos musicais como violão e pandeiro, buscando que os alunos cantassem e compartilhassem sua cultura com os outros alunos, pareceu interessante e motivador. Algumas atividades, que envolveram gêneros musicais como RAP, Funk, Sertanejo e Gospel, também foram bastante significativas, uma vez que contribuíram na socialização cultural dos alunos – estimulando, por exemplo, debates sobre consciência negra, preconceito e diferenças sociais na atualidade. Entretanto, nessas dinâmicas musicais os mais velhos reclamavam, visto que entendiam as atividades como carentes de conteúdo. Eles queriam matéria no quadro, escrever no caderno, fazer os exercícios, pois compreendiam as atividades musicais na aula de Artes como ludo, brincadeira – em resumo, tudo menos aula formal.

Nesse cenário, os conflitos muitas vezes se agravavam ainda mais, pois o tipo de aula defendida pelos alunos mais velhos – expositiva, tradicional, com conteúdos que abordassem os gêneros musicais na sua dimensão teórica (principais características, principais autores, principais obras, etc.) – não atraía os alunos mais novos, que não conseguiam ver sentido em falar sobre música, entregar trabalho ou apresentar seminário sobre música. Entretanto, para mim foi importante passar pelos dois processos, pois a equação que inicialmente não se resolvia, aos poucos começou a apontar novos caminhos com vistas a manter alunos com perfis diferentes interessados na mesma aula.

Ao final do primeiro semestre, as aulas começaram a abarcar, além dos gêneros musicais mencionados, algumas formas musicais como: introdução, estrofe e refrão; interpretação de letras musicais; elementos da música: harmonia, melodia e ritmo; improviso (trabalhado junto com a rima nas aulas em que abordamos o RAP); conceitos sobre música popular abordando a biografia de alguns autores como Renato Russo e Luiz Gonzaga; bem como possibilidades de profissionalização e ingresso no mercado de trabalho por meio da música, seja atuando como músico e/ou compositor(a), seja atuando com a produção musical, gravação e estúdio.

A avaliação foi realizada de duas formas: durante todo o semestre em caráter formativo, representando 25% da menção final, na qual considerei os avanços individuais dos alunos frente aos conteúdos ministrados, sua aplicação em diferentes contextos e capacidade de relacionar as atividades desenvolvidas em sala com o cotidiano e o mundo do trabalho; e por meio da prova semestral, somativa, com averiguação de conhecimentos, adotada por todos os professores, e para a qual destinei outros 25% da menção final. Os 50% restantes foram distribuídos para pontuação na entrega dos trabalhos, seminários e participação nas atividades práticas.

Assim, perante todo o exposto, foi necessário pensar as estratégias para o segundo semestre considerando, sobretudo,

as aulas que permitiram compartilhar a cultura dos alunos, fomentar o estudo de forma integrada e o respeito às diversidades presentes em sala de aula. Nesse contexto, identifiquei que o estudo da biografia dos autores Renato Russo e Luiz Gonzaga havia suscitado bastante o diálogo entre os alunos (que se sentiram representados pelas histórias de vida dos artistas) e permitido vivenciar música em sala de aula, tocando o violão, cantando e escutando as músicas.

Considerando o interesse dos alunos pelas histórias de vida dos artistas mencionados, planejei o segundo semestre tomando como ponto de partida a apreciação dos filmes “Luiz Gonzaga de Pai para Filho” e “Somos Tão Jovens”. Estes filmes retratam, respectivamente: a biografia do pai Luiz Gonzaga (da adolescência à velhice) e do filho Gonzaguinha (até os 30 anos); e a biografia de Renato Russo antes do sucesso com a banda de rock Legião Urbana (durante a juventude). A apreciação teve como objetivo pensar sobre como a cultura influencia na formação da identidade dos indivíduos e como os indivíduos influenciam na formação de uma identidade coletiva nos diversos meios de participação social, entre eles a escola.

Solicitei aos alunos que anotassem os momentos em que se sentiram mais tocados pelos filmes após cada sessão para que depois pudéssemos dialogar, debater e expor opiniões, analisar as cenas e relacioná-las com questões do cotidiano. Cheguei a ser questionado pelo supervisor escolar sobre a relevância de levar os alunos para sala de vídeo assistir filmes e argumentei que a interpretação dos filmes fazia parte do planejamento de ensino e auxiliariam na interpretação dos textos, das músicas, da cultura, e que o resultado final logo se apresentaria. Além disso, aconteceram também alguns impasses, pois os filmes precisaram ser divididos em algumas partes em função do horário escolar. Alguns alunos preferiram assistir em casa para não ter que dividir o filme em três sessões, mas no fim as apreciações foram bem sucedidas e os resultados foram surpreendentes.

Após as sessões de cinema, provoquei o pensamento dos alunos quanto à identidade de Luiz Gonzaga, sua trajetória individual até a fama e, a partir daí, a sua imagem como músico representante da cultura nordestina, bem como as razões que desencadearam os diversos conflitos com seu filho (Gonzaguinha) nesse período. Noutro momento, os alunos foram questionados quanto à trajetória de Renato Russo na juventude, as experiências individuais pelas quais passou com os amigos, no conflito com os pais, até se tornar representante de uma juventude pós-ditadura, por meio do rock, da poesia, da crítica e da liberdade de expressão. As provocações mencionadas propiciaram um intenso momento de troca entre os alunos na turma que expuseram valores familiares, opiniões sobre o papel dos pais e dos filhos, conflitos pessoais, classe social, regime político, além das razões de ordem musical que levaram os artistas ao sucesso, como profissionais da área e também como representantes da cultura brasileira.

Assim, a avaliação da atividade se deu no próprio momento de conversa em sala de aula em que busquei fazer com que os alunos mais novos compartilhassem as suas inquietações sobre os temas abordados nos filmes e vice-versa. Nesse sentido, embora a atividade tenha se prolongado em função de opiniões contrárias que criaram um campo de resistências considerando

o perfil heterogêneo da turma, o simples fato de ter propiciado, pedagogicamente, um diálogo entre os dois lados, minimizando a distância entre os alunos, representou bastante para a turma, que passou a apresentar sinais de respeito às diferenças com maior frequência e maior interação nas atividades. Os grupos, por exemplo, passaram a integrar mais alunos de diferentes faixas etárias.

Diante dos resultados dessa experiência, saliento a importância do planejamento de ensino e da busca por caminhos metodológicos, pois entre tantas atividades desenvolvidas ao longo do ano, obtive maior sucesso qualitativo justamente na atividade de médio prazo (dois meses) elaborada com vistas aos processos de discussão, análise, interpretação e síntese, partindo da apreciação artística para abordar a vida e o cotidiano. Considerando o reduzido número de encontros por semana com

os alunos nas aulas de Artes (apenas duas aulas com duração de 50 minutos aproximadamente), acredito ser importante buscar estabelecer vínculos, compreender as necessidades da turma, e propor atividades que envolvam três ou mais momentos de interação sobre um mesmo tema de estudo, contribuindo para os referidos vínculos e, em minha avaliação, para uma educação de qualidade.

Ao findar o período descrito, não pude mais dar continuidade ao trabalho artístico na escola em questão, em função de ter sido nomeado como professor efetivo do quadro profissional da SEDF e enviado para trabalhar em outra região do Distrito Federal. Não obstante, a partir do trabalho desenvolvido na escola mencionada e aprofundado no presente relato, espero dar minha contribuição na reflexão sobre a qualidade do ensino público e, mais especificamente, sobre possibilidades que foram exploradas na área de Artes no âmbito da EJA.

Notas

- ¹ Trata-se de um organismo internacional, intergovernamental, autônomo e presente em 19 países (BRASIL, 2015).
- ² Para os trechos que implicaram relatar a experiência pessoal foi adotada a escrita em primeira pessoa. Ademais, foi adotada a escrita em terceira pessoa considerando o caráter argumentativo do relato.

Referências bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam? Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.
- CARRANO, P. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: O desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". Palestra proferida no IX ENEJA – Curitiba – PR, 2007.
- CHARLOT, Bernard. Os jovens e o saber: Perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DURAND, Olga C. e SOUZA, Janice T. Experiências Educacionais Juvenis: entre a escola e os grupos culturais Juvenis. Revista Perspectiva: CED/UFSC. V20, p163. jul/dez 2002.
- FURTADO, Quézia Vila Flor. Jovens na Educação de Jovens e Adultos: produção do fracasso no processo de escolarização. 114p. Dissertação (Mestrado). João Pessoa – PB, out/2008.